

TÉCNICOS DE SAÚDE PÚBLICA

Antônio Luís C. A. de Barros Barreto

(Prof. Catedrático de Parasitologia)

Técnicos de saúde pública — são profissionais de várias categorias, que se dedicam à função precípua de zelar pela saúde coletiva e pelo bem-estar do povo.

Recrutados entre as mais diferentes atividades, cada um deles as exerce, dentro de certo e determinado setor. Assim, na medicina, enquanto o **clínico** se preocupa com o caso isolado, o doente, tudo fazendo para curá-lo, o **sanitarista**, isto é, o técnico de saúde pública, olhando a coletividade como um todo, procura evitar que o doente contamine as pessoas sadias, protegendo-as contra os riscos do contágio. O **clínico** restabelece a saúde do indivíduo. O **sanitarista** defende a população, impedindo que o mal se alastre, preservando a saúde da comunidade.

Admite-se até, diferença de significado, entre as expressões — **higienista** e **sanitarista**. Enquanto aquêle indaga do modo como se propagam as doenças e prescreve os meios de proteger a saúde geral, êste, não se satisfaz, apenas, com o aspecto pròpriamente doutrinário do problema, vai mais além, delinea o plano da campanha e promove a execução das medidas indispensáveis à salvaguarda do bem-estar coletivo. O **higienista** é o teórico da medicina preventiva. O **sanitarista**, o higienista militante, passa do preceito à ação.

Ainda, dentro da medicina, o **pediatra** é principalmente o clínico que se esmera em salvar a vida da criança enferma, ao passo que, o **puericultor**, como a etimologia do vocábulo está a indicar, **cultiva a criança**, utilizando o melhor de seus esforços na proteção da débil planta humana, exposta aos múlti-

plos perigos que a rodeiam, acompanhando-a, diligente e alerta, desde o ventre materno, até o despertar da puberdade.

O **malariólogo**, que se aprofunda no estudo e na prática dos processos de luta contra o paludismo, parasitose que invalida cêrca de oito milhões de nossos compatriícios e ocupa o segundo lugar no obituário da Cidade do Salvador o **fisiólogo**, aquêlê que se não restringe a tratar a tuberculose, porém se empolga principalmente com os meios de combater a grande ceifadora de vidas, a qual marcha na dianteira de tôdas as causas de morte em tôdas as capitais brasileiras, o **laboratorista**, isto é, o médico de laboratório, que circunscreve o âmbito de suas pesquisas aos exames de interêsse para a saúde pública, o **estaticista** que efetua investigações apenas no terreno da estatística vital ou bio-estatística, pertencem indiscutivelmente, ao quadro dos Técnicos de Saúde Pública.

Raciocínio idêntico pode ser adotado para distinguir a enfermeira **hospitalar**, da enfermeira **sanitária**. A primeira assiste o doente no consultório ou à cabeceira do leito; enquanto que a tarefa cometida à segunda visa a execução de providências tendentes à limitar o mal ao doente, impossibilitando a transmissão ao indivíduo sadio, cuja saúde urge defender. A mesma diversidade de especializações se verifica no campo da engenharia. O engenheiro **civil** difere do **eletricista**; o técnico **industrial** não se assemelha ao **químico**, nem tão pouco ao **engenheiro sanitário**, ao qual incumbe a drenagem dos pântanos, o estabelecimento das condições ótimas de iluminação, ensolejamento e ventilação das residências e locais de trabalho, as obras de abastecimento d'água, as rêdes de esgôtos, o tratamento e destino dos resíduos das indústrias, etc.

Mister se faz esclarecer o equívoco, a miúde verificado entre leigos e até entre doutos, quanto às atribuições que competem ao sanitarista e à repartição de Saúde Pública. Ainda existe muita gente que confunde assistência médica e trabalho de saúde pública. Ambas as atividades constituem, sem dúvida, inadiáveis e indiscutíveis deveres do Estado. Cada uma delas, porém, oferece características próprias e possui incumbências que não podem, nem devem, ser realizadas pela mesma reparti-

ção, nem pelos mesmos prepostos, sob pena de o serem em precárias e ineficazes condições. Seria o mesmo que obrigar um parteiro a efetuar uma operação de catarata, ou exigir que um psiquiatra execute uma intervenção de apendicite.

Inconveniente não há, em que dentro da mesma Secretaria de Estado, figurem repartições de assistência médica, ao lado daquelas encarregadas do serviço de saúde pública, trabalhando porém, cada uma, separadamente, asseguradas, a cada qual, a indispensável autonomia técnica e a necessária independência financeira. Consoante os modernos princípios da ciência sanitária, são tão diferentes os objetivos das duas repartições, que os estudiosos do assunto, não vacilam em classificar de verdadeiro crime de lesa-coletividade, o critério, obsoleto e rotineiro, de confiar ao mesmo setor da pública administração, o desempenho simultâneo, de tarefas tão díspares, porque, no final, os resultados não compensam os gastos efetuados e os esforços do pessoal resultam improficuos, havendo, apenas, um grande sacrificado — o povo.

Torna-se também oportuno corrigir a noção, profundamente arraigada no espírito popular, qual a de que à repartição de saúde, cabe eliminar aquilo que em linguagem técnica se convencionou chamar de — **nocividades** — isto é, a remoção do lixo, o combate sistemático a certos insetos sem qualquer significado em patologia humana, embora incômodos, a supressão dos ruídos, o reparo do calçamento das vias e logradouros públicos, a incineração ou sepultamento de animais mortos, etc. Não. A Saúde Pública, no conceito em que hoje é unânimemente compreendida, nada tem a ver com isso. Tais incumbências competem à Limpeza Pública, à Diretoria de Obras Urbanas ou repartições congêneres. Nunca, porém, à Saúde Pública, cujos deveres e obrigações objetivam finalidades outras, prescritas pelas regras da moderna ciência sanitária. Exigir que se ocupe com tais cousas é perturbar a execução de seu trabalho normal, desvirtuando-lhe os propósitos, levando-a a malbaratar verbas destinadas a outros serviços. Tais iniciativas pertencem, realmente, a alçada de outros órgãos, e os concededores dos modernos princípios normativos dos serviços de inte-

rêsse público, sabem, de sobejo, como definir as atribuições de cada um, atendidas as boas regras da ciência da administração.

Essa falsa noção, essa errônea interpretação da natureza das funções que à repartição sanitária, e em particular aos seus representantes mais graduados, os sanitaristas, cabe promover e executar, constitui o maior óbice a vencer, nas campanhas em pról da saúde coletiva.

Daí a necessidade de instruir devidamente a população a ser beneficiada com tais medidas, explicando-lhe as finalidades das mesmas. E outro não é o escopo da educação sanitária, elemento soberano para formação de uma esclarecida "consciência sanitária", sem a qual baldos se tornarão todos os esforços e improdutivos, todos os recursos empenhados na luta. Ao trabalho bem orientado de esclarecimento popular, preparatório de qualquer campanha sanitária, deve-se creditar o êxito das medidas preconizadas e levadas a bom têrmo pelo poder público.

A essa pregação do evangelho da saúde, dedicarão os sanitaristas cômscios de sua nobre missão o melhor de suas energias, procurando vencer as incompreensões de muitos, desprezando as injustiças de alguns, recebendo os aplausos de poucos. Nesse calvário terão que viver o drama do Dr. Stokeman, célebre personagem do incomparável romance do grande Ibsen, intitulado o "Inimigo do Povo", o sanitarista obstinado em mostrar aos ignorantes habitantes de sua cidade natal, os perigos decorrentes do uso da única fonte, cujas águas contaminadas veiculavam os germes de mortífera epidemia, e que acaba morrendo, apedrejado e linchado na praça pública, em pleno exercício de seu filantrópico apostolado, sacrificando a própria vida, em holocausto dos postulados de sua ciência.

Pelo que se vê, de alto relêvo e suma importância, é sem dúvida, a missão social dos **Técnicos de Saúde Pública**, porque de sua abnegação e devota atuação depende a saúde das populações confiada à sua guarda. Para que possam desempenhar a contento, sua elevada função, mister se faz que, de parceria com os requisitos de uma cultura especializada, a serviço de esclarecido espírito público, saibam captar a confiança popular,

de jeito a contarem com a preciosa e solícita colaboração de tôdas as classes sociais.

Características peculiares e atributos próprios devem possuir os que abraçam a carreira de Técnicos de Saúde Pública. Após o curso superior, fundamental, precisam apurar os conhecimentos para a tarefa grandemente especializada que terão de desempenhar; necessitam, para isso, efetuar cursos de pós-graduação em Escolas de Saúde Pública, no decorrer dos quais receberão treinamento profissional adequado que os prepare para um trabalho produtivo e bem orientado.

Sempre que permitam as verbas orçamentárias, devem ficar sujeitos ao regime do tempo integral (full-time), de maneira a se poderem dedicar de corpo e alma, integralmente, ao exclusivo exercício de atividades de tão evidente alcance social. Imprescindível, também, façam jús a uma remuneração condigna, assecuratória de um mínimo de conforto material, que os impeça de ir buscar fora de sua esfera de ação, proventos outros capazes de garantirem o equilíbrio do orçamento doméstico, sem o qual não haverá a tranquilidade requerida para o êxito completo de seu humanitário sacerdócio.

Para que se tornem dignos do aprêço de seus concidadãos, terão que enfrentar, com galhardia, a grita dos eternos descontentes, fechar ouvidos ao clamor dos interêsses pessoais feridos em favor da coletividade, suportar com resignação as assacadilhas da maledicência dos incompetentes e fracassados, opor-se à ação daninha dos maus políticos, eternos perturbadores da pública administração, na afirmativa de Bundesen, o grande diretor de Saúde Pública de Chicago, que exclamava: **Politic is the most baneful influence to which public health work is subject** (política é a influência mais nefasta a que está sujeito o trabalho de saúde pública).

Abroquelados na legenda de Oswaldo Cruz — NÃO ES-MORECER PARA NÃO DESMERECEM — saberão os sanitaristas patrícios tornar vitorioso o seu nobilitante ideal — o bem-estar da coletividade.